

FEMINISMO NEGRO E AS MULHERES DE AXÉ

Denize de Almeida Ribeiro

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

RESUMO

As experiências de racismo e sexismo, na vida das mulheres negras brasileiras, trazem como consequências o registro de diferentes situações vivenciadas no campo das desigualdades. Tais situações deixam marcas, que levam muitas dessas mulheres a desenvolverem modelos de resistência que impactam em suas condições de vida, mas que nem sempre são analisados como algo significativo no campo da saúde, pois resistir ao racismo e ao sexismo também adocece. Neste sentido, este artigo tem o objetivo de fazer uma breve discussão, sobre o feminismo negro enquanto experiência interseccional, que se expressa a partir das estratégias de resistência ao racismo e sexismo, com foco no ponto de vista das mulheres negras de Candomblé e na experiência de suas lutas por bem viver. Metodologicamente, para produzir esta análise recorri a autoras e a autores que discutem essa temática na literatura nacional e internacional, também entrevistei, através do Whatsap e pelo Facebook, cerca de 63 mulheres de Axé, registrei suas narrativas, que contribuíram para elucidar o ponto de vista delas sobre essa temática. Neste trabalho, busquei identificar se tais mulheres consideram-se feministas negras e se, para elas, as mulheres de Axé são feministas. Como resultado percebe-se que múltiplas são as formas de feminismos expressos nas narrativas das mulheres, mas que de modo geral elas se consideram feministas sim, muito antes deste conceito existir, e se dizem feministas negras, por suas práticas e suas experiências empíricas afro-diáspóricas de resistência e irmandade, reafirmando o exemplo das lideranças do passado que atuaram na luta pela igualdade e contra as opressões, a partir do Candomblé, enquanto mulheres de Axé.

Palavras-chave: Feminismo Negro, Mulheres de Axé. Interseccionalidade, Bem Viver.

Introdução

As experiências da discriminação racial e sexista, na vida das mulheres negras, trazem como consequências o registro de diferentes situações vivenciadas no campo das desigualdades. Tais situações deixam marcas, que levam muitas dessas mulheres a desenvolverem modelos de resistência e de sobrevivência que impactam em suas condições de vida, mas que nem sempre são

analisados como algo significativo no campo da saúde, pois resistir ao racismo e ao sexismo também adocece, Lélia Gonzalez nos diz que:

...] é a mulher negra anônima, sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família, aquela que desempenha o papel mais importante. Exatamente porque, com sua força e corajosa capacidade de luta pela sobrevivência, transmite a suas irmãs mais afortunadas, o ímpeto de não nos recusarmos à luta pelo nosso povo. Mas, sobretudo porque, como na dialética do senhor e do escravo de Hegel – apesar da pobreza, da solidão

quanto a um companheiro, da aparente submissão, é ela a portadora da chama da libertação, justamente porque não tem nada a perder. (GONZALEZ, 1982, p. 104).

Neste trecho, Lélia Gonzalez, expressa um pouco do que fundamenta o pensamento feminista negro brasileiro, a cumplicidade entre as mulheres negras, e, demonstra aspectos das desigualdades de gênero e suas intersecções com a dimensão racial e de classe a que as mulheres negras estão expostas, pois como nos diz Sueli Carneiro (2003), ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com que esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos peculiares subjacentes na luta de cada grupo em particular.

Através dos movimentos de afirmação da identidade negra, muitas mulheres têm encontrado outros referenciais capazes de permitir a potencialização desse olhar, para a análise da sua condição de mulher e negra. Este lugar também tem permitido-lhes um outro ponto de vista, marginal, pois não é hegemônico, mas importa saber também, que tais mulheres sempre fizeram resistência a uma dada hegemonia. Então, essa percepção contribui para que as mulheres negras se coloquem de maneira bastante combativa no sentido de lutarem

contra o racismo e contra as demais ideologias de dominação existentes em nossa sociedade.

Trago como estudo de caso, dessa luta e de resistência, o ponto de vista das mulheres negras do Candomblé que, exibem sua cultura e sua autoridade com altivez, afirmam sua negritude com referenciais africanos, numa luta decolonial, pois sempre mantiveram essa postura de resistência desde o período da escravização, mas permanecem marginalizadas por conta do racismo, sexismo, lesbofobia, discriminação de geração (são senhoras idosas na sua grande maioria) entre outras. Um sistema de opressões, que faz com que elas se coloquem diante de tais aspectos de forma extremamente ativas, lúcidas e politizadas, em suas atitudes e pautas.

Por outro lado, ao observarmos os reflexos dos determinantes sociais nas condições de vida, particularmente a vivência do racismo e sexismo, percebemos como isso é nefasto, impactando direta e indiretamente na pior situação de saúde para as mulheres negras. Mas é interessante perceber como essa vivência também as coloca, enquanto mulheres negras, em frente a um espelho, onde, muitas vezes, amam a imagem refletida e seguem em luta para defendê-la, ou odeiam tal imagem e sofrem reflexos dessa estigmatização na tentativa de

desconstruí-la. Nesta situação podem passar a desenvolver baixa estima, por si e até mesmo pelo outro que lhe é semelhante. Algo que Fanon (2008) apontou ao dizer que:

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que essa cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial. E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio de caminho no desenvolvimento do macaco até o homem (FANON, 2008, p.33).

O autor nos chama a atenção para as consequências do racismo, no tratamento dado aos negros, por não serem considerados seres humanos, durante muito tempo, o que terminou por causar danos na sua auto-estima e auto-imagem diante do branco, afetando sua saúde mental.

Desse modo, no presente artigo busquei trazer um pouco das reflexões que tenho feito através da pesquisa, com mulheres de Candomblé. Neste trabalho, as entrevistei com o objetivo de identificar em seus discursos estratégias de enfrentamento ao racismo e sexismo e o quanto percebem-se ou não, como feministas negras, no que o feminismo às empodera para vencer as opressões, ou não, e o que consideram ser esse "feminismo negro" de que muito se fala na contemporaneidade.

Parte desses depoimentos e considerações sobre a atuação política de tais mulheres no cenário atual, onde as religiões de matriz africana vem sofrendo ataques sistemáticos as suas tradições de origem e onde o protagonismo das mulheres negras se faz fortemente presente, foi o que me motivou a escrever este texto. Farei uso aqui de alguns desses depoimentos, que pretendo aprofundar futuramente. São reflexões que podem trazer contribuições ao pensamento feminista negro contemporâneo, como as da Iyalorixá e professora Denise Botelho ao afirmar que:

"O empoderamento obtido no Candomblé a partir do fortalecimento da minha identidade negra me levou a outros processos de enfrentamento político, social e cultural, entre eles o feminismo, tenho certeza que pelos caminhos de Iansã eu me tornei a feminista que sou hoje (Denise Botelho, Recife-PE, 2017)."

Luiza Bairos (1995) afirmava que o movimento feminista clássico não deu conta das especificidades das mulheres negras e na busca por direitos, elas perceberam que não havia espaço para o combate ao racismo dentro daquele movimento, pois desde o período da escravidão, na diáspora, as mulheres negras foram comercializadas e introduzidas no campo do trabalho forçado, tanto quanto os homens, desde muito cedo ocuparam espaços públicos na luta por sua sobrevivência e de suas famílias, portanto

as demandas das mulheres negras contra a opressão machista e patriarcal, sempre estiveram vinculadas a discriminação racial e não só de gênero (DAVIS, 2017).

Daí que, feminismo negro pode ser compreendido como uma designação utilizada para nomear o movimento de mulheres atuantes, tanto na esfera da discussão de gênero, quanto na luta anti-racista. Trata-se de um movimento político e teórico que visa a mudança social e compreende que sexismo, opressão de classes, identidade de gênero e racismo estão ligados e dessa relação intrínseca, entre diferentes formas de opressão vem a noção de interseccionalidade (Crenshaw, 2002). O feminismo negro é pois, essencialmente interseccional.

Então, ao observarmos como o processo de exclusão vivenciado pelas mulheres negras agrega elementos do racismo e do sexismo, concomitantemente, nota-se que tal interseccionalidade as coloca em condição de exploradas em vários campos sociais. Essa experiência tão desigual, tem sido uma causa profunda das disparidades socioeconômicas e de acesso a determinados bens públicos para tais mulheres (CARNEIRO, 2003).

Nesse sentido, no Brasil, as feministas negras centram também sua atuação no

campo da saúde e dos direitos sexuais e reprodutivos, diante das denúncias de violações destes direitos. Neste caso, por exemplo, a saúde debilitada, a baixa expectativa de vida, as morbidades e as altas taxas de mortalidade, por causas evitáveis, representam uma realidade da experiência de vida das mulheres negras, com dados que nos possibilitam inclusive medir as desigualdades sociais.

É diante deste contexto que Sueli Carneiro (2011) nos chama a atenção quanto a necessidade de enegrecer o feminismo, pois para ela:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras (CARNEIRO, 2011, p.).

Partindo dessa reflexão e constatadas as iniquidades, que se apresentam, a partir de uma análise interseccional entre as categorias de gênero e raça, nos dados do

Sistema Único de Saúde - SUS, os indicadores nos chamam a atenção para a necessidade de implementação de uma Política Nacional de Saúde Integral da População Negra - PNSIPN (BRASIL, 2013), sendo essa uma das pautas reivindicadas pelo feminismo negro brasileiro, enquanto movimento social.

Já como perspectiva analítica, a interseccionalidade permite uma conceituação dos problemas sociais, capturando as consequências estruturais e dinâmicas das intersecções complexas entre dois, ou mais eixos de opressão, que se entrecruzam e potencializam as desigualdades (CRENSHAW, 2002), o que no caso da área da saúde, podemos visualizar, quando partimos para uma análise epidemiológica dos dados e relacionamos as categorias: gênero, raça, faixa etária, ou gênero, raça e escolaridade, por exemplo. Os resultados nos mostram o quanto são cruéis as análises dos dados para as mulheres negras.

Metodologia

Partindo dessas reflexões busquei ouvir as mulheres de Candomblé tentando entender suas concepções sobre saúde, racismo, sexismo e se percebem-se como feministas negras, ou se identificam-se com este pensamento teórico e ativista. Para tanto, entrevistei mulheres de Candomblé de

diferentes nações (Ketu, Angola e Jeje), de diversas gerações, de outros estados, de Salvador e no município de Cachoeira entrevistei as irmãs da Boa Morte tentando entender, além da compreensão delas sobre feminismo negro, também o que concebem como bem viver e boa morte, a fim de relacionar com o conceito de saúde e ampliar essas concepções para o campo da saúde da população negra, o que será abordado em um outro trabalho.

Aqui, neste artigo, trago parte das entrevistas de algumas destas mulheres negras e de Candomblé, no que se refere ao feminismo negro em suas concepções. Utilizei nomes fictícios, a fim de respeitar a privacidade e individualidade de cada uma delas.

Como instrumento de coleta de dados recorri ao Whatsap e Facebook, pois dessa forma alcancei um número maior de mulheres de diferentes casas, nações, estados, funções votivas, faixas etárias e de diferentes tempos de iniciação, dentro do Candomblé. Este método apresentou-se bem mais rápido para conseguir as respostas, e mais prático por reduzir meu deslocamento, caso tivesse que ir a campo e entrevistar todas elas. Enviei a 63 mulheres de Axé do Brasil, as seguintes perguntas:

1. Você se considera feminista negra?

2. Na sua opinião as mulheres de Terreiro são feministas? Porque?

Algumas responderam textualmente e outras através de áudio, que posteriormente transcrevi e passei então ao processo de análise de suas narrativas.

Resultados

Das 63 mulheres entrevistadas, obtive respostas até o momento de 23 mulheres e estas, todas se disseram feministas e que as demais mulheres de Axé são feministas também, com algumas observações acerca desse tipo de feminismo. Para organizar melhor os resultados obtidos sistematizei-os, através de 05 categorias mais presentes nos discursos das 23 mulheres, que seriam:

1. Feministas Negras Sim;
2. Feminismo da Práxis;
3. Múltiplos Feminismos;
4. Feminismos Geracionais;
5. Feminismo com Amor.

1. Feministas Negras Sim

Quando questionadas sobre se consideravam-se Feministas Negras as entrevistadas responderam o seguinte:

Boa pergunta a sua. Não sei se o feminismo negro dá conta de tudo. Acho que de certa forma somos sim feministas negras. E de outra não, tudo ao mesmo tempo. O sim tem a ver com o modo de operar os processos de opressão em torno da raça/gênero. O

não tem a ver com a radicalidade que essa posição obriga. Apesar de entender de que as concepções feministas e antirracistas estão cunhadas nesse processo (Kayala, Iyalorixá).

As mulheres negras feministas buscam lutar pelo reconhecimento de seus direitos e me considero uma mulher feminista pois também fortaleço minha religião que é o Candomblé, bem como através de representação em espaços democráticos e onde o debate pode ser reconhecido falo bem da história da mulher negra na sociedade pela sua força e resistência e toda participação social no Brasil e na Bahia (Mãe Rita, Iyalorixá de São Felix).

Como mostram as falas anteriores as mulheres de Axé desconfiam dos rótulos apontados pelo discurso acadêmico, teórico, ou mesmo dos movimentos feministas. Para elas o termo "feminismo" nem sempre dá conta daquilo que vivenciam. Pois suas práticas libertárias e de contraposição as opressões de gênero e raça antecedem até mesmo a popularização deste conceito.

2. Feminismo da Práxis

As mulheres de Axé, refletem sobre suas práticas e nos fazem refletir sobre o confronto entre aspectos teóricos e a realidade empírica, o que nos obriga a perceber e reconhecer o protagonismo na reflexão dessas mulheres, que provavelmente tem a ver com suas experiências de opressão, como nos lembra Patricia Hill Collins (1991) ao afirmar que o pensamento feminista negro seria então:

Um conjunto de experiências e idéias compartilhadas por mulheres negras, que oferecem um ângulo particular de visão do eu, da comunidade e da sociedade, ele envolve interpretações teóricas da realidade dessas mulheres por aquelas que a vivem (Collins, apud Bairros, 1995, p 463).

Isso se reflete no discurso de uma de nossas entrevistadas ao dizer que:

As práticas e vivências das mulheres de Axé são na sua maioria feministas, apesar de muitas não se verem neste lugar de atuação (Linda, liderança feminista e mulher de Axé).

O Feminismo negro tratado por Collins nos informa que esse conhecimento das mulheres negras sobre si, estrutura-se em torno de cinco temas fundamentais que caracterizariam o ponto de vista feminista negro que seriam:

1) O legado de uma história de luta 2) A natureza interligada de raça gênero e classe 3) O combate aos estereótipos ou imagens de controle 4) A atuação como mães, professoras e líderes comunitárias 5) E a política sexual (Collins, apud Bairros, 1995, p 463).

Temas que, sem dúvidas, encontram reverberações nas experiências de vida e nas práticas das mulheres de Axé, aqui no Brasil.

Uma outra entrevistada corrobora com este pensamento e nos diz que:

Se considerarmos feminismo como um movimento ideológico, político, eu acho que na atual conjuntura as mulheres de Axé são feministas. Isto por que hoje faz-se necessário estar engajada, definida, associada a um determinado grupo organizado, ou

seja, mulheres negras, mulheres de Axé, mulheres do hip hop, e por aí vai. Vc tem que ter pertencimento a um determinado grupo, algo que lhe situa e também lhe limita. Antes, éramos mulheres nas mesmas condições, identificadas apenas pelo gênero e raça, presas a uma mesma submissão. Éramos mulheres diferentes, mal definidas em uma grande categoria de "mulher". Essas diferenças, embora latentes, não se expressavam em categorias organizadas. Foi o juntar, a necessidade de resistir, a disseminação da informação, do conhecimento, a experiência de enxergar a outra, que permitiram estarmos classificadas enquanto feministas negras e aí vai. (Janaina, Yaô)

A fala anterior apresenta-se muito forte e coerente com o que consegui captar no discurso da maioria das entrevistadas refletindo um ponto de vista feminista negro, decolonial e da práxis, no que se refere as considerações feitas pelas mulheres de Axé.

Para Ramon Grosfoguel (2009) numa perspectiva decolonial, as fronteiras não são somente este espaço onde as diferenças são reinventadas, são também o lugar onde são formulados conhecimentos a partir das perspectivas, cosmovisões ou experiências dos sujeitos subalternos. O que se apresenta nas reflexões das mulheres de Candomblé sobre seus feminismos demonstra que há uma conexão entre a ação, do ativismo feminista negro, contra as formas de opressão e o pensamento decolonial dessas mulheres, como podemos observar nas declarações que se seguem:

Na história, as mulheres de Axé sempre se uniram entre elas, foram as primeiras que abriram as trincheiras de luta na busca de sua liberdade e autonomia. O terreiro de Candomblé local de base e referência para o enfrentamento a colônia, machismo, racismo, sexismo. Foi dessa estrutura patriarcal que nos fortalecemos para estabelecer estratégias de sobrevivência, resistência e seguirmos para as conquistas e avanços (Rosa, Ekedy de Oyá).

Além de ser negra e candomblecista, luto por melhores políticas públicas, sociais, ideológicas e filosóficas com o objetivo comum: direitos equânimes e uma vivência humana por meio do empoderamento feminino e da libertação de padrões patriarcais, baseados em normas de gêneros. As mulheres de Axé são feministas por natureza, desde os primórdios da chegada da religião de matriz africana onde as mulheres deram o primeiro passo inicial de empoderamento do matriarcado religioso, dando as mulheres significativas relevâncias dentro da sociedade que na época e até os dias de hoje, eram essencialmente machista (Mãe Nene, Iyalorixá de Salvador).

3. Múltiplos Feminismos

Já para outras mulheres de Axé existem diferenças intragrupoais, de dentro das diversas nações, onde as questões de gênero são conduzidas de forma própria, em cada uma de suas casas, o que não nos permite falar de um *Ethos* que dê conta de todas as nações de forma essencialista, e mesmo falar do Candomblé praticado no Brasil, como uma unidade, ou do feminismo negro como algo igualmente vivenciado, o que pode ser observado nos depoimentos a seguir:

Existem diferenças entre as Nações do Candomblé. No Jeje a supremacia feminina é extraordinária. Lindo mesmo de se ver. Nessas casas o comando é feminino. Diferente do Angola e o Ketu que tem bastante

restrições as mulheres (Kiazala, Ekedy)

Sou feminista porque defendo a idéia de que haja direitos iguais enquanto pessoa integrante da sociedade. Acredito que as mulheres devem ter as mesmas oportunidades que os homens em relação a trabalho, atividades acadêmicas, na educação dos filhos, nos afazeres domésticos e principalmente devemos ser donas das nossas vontades, dos nossos corpos, sem ter que ter autorização ou tutela masculina para nada. Acredito e luto por igualdade de gênero na construção de uma sociedade igualitária e conseqüentemente uma nova escrita da nossa história (Ebomy Ceci).

Uma questão que apareceu em muitas falas foi a respeito da sexualidade e de como ela se apresenta para as mulheres de Axé. A vivência da sexualidade, sem discriminações, mas como parte do ser, da vida de todo ser e não como algo impuro, ou pecaminoso, mas ainda com tabus, conflitos e discriminações em algumas situações.

A homossexualidade sempre foi uma bandeira de luta por elas. Peguei um tempo que conheci várias. Mas, todas com relação escondida. Se tratavam como irmãs de criação, primas ou até irmãs de axé. Hoje eu acho até que melhorou muito. Elas já conseguem assumir a sua sexualidade (Menininha de Ayrá).

O sexo é parte da vida dos seres e precisa ser vivido com prazer, amor e autoconhecimento. Algo que sempre foi negado a muitas mulheres negras desde o período da escravidão, onde seu corpo era objeto de prazer para o outro e servia apenas para a procriação para

enriquecimento do seu senhor, como um objeto.

A sexualidade é também uma bandeira de luta muito grande, que precisa ser enfrentada, pois independente de ser homossexual ou não, as mulheres negras sofrem muito para defender suas lutas, que não se restringem ao sexo, ou com quem ela se deita, mas essa também é uma bandeira de luta, pois o sexo é uma forma de opressão nessa sociedade machista, homofóbica e lesbofóbica, tão sem respeito ao outro. Essas mulheres são silenciadas na sociedade, então elas tem que afirmar: sou mulher e não preciso de homem para me afirmar, precisamos umas das outras para darmos as mãos e vencer todo tipo de homofobia e discriminação (Mametu Cafurengá, Caxuté).

Como podemos observar no trecho acima, algumas mulheres lésbicas e de axé vivenciam sua sexualidade, como mais um eixo de opressão que as coloca em vulnerabilidade quando se somam ao de serem: mulheres, negras, de candomblé e lésbicas. a sexualidade torna-se então uma das pautas na agenda de luta das feministas negras de Candomblé.

4.Feminismos Geracionais

Nós sabemos que as nossas mais velhas de terreiro foram criadas em uma época de ideologia predominantemente machista, a maioria dos terreiros apesar de ter lideranças matriarcais, na vida privada afetiva destas mulheres muitas se submeteram aos seus homens no mesmo padrão do formato social, algumas conhecidas pela “ousadia “ se destacavam mas, a maioria se submetiam ao machismo fora da religião. Atualmente percebo as mulheres de terreiros da geração atual mais antenadas com igualdade

de gênero, embora os Ogãs (cargo ocupado só por homens) ainda sejam convidados a comer primeiro (Ebomy Ceci).

As respostas anteriores me fizeram voltar um pouco atrás, no tempo histórico de implantação dos terreiros de Candomblé do Brasil e me perguntar como teria sido a vivência das relações sociais machistas pelas mulheres de Axé do passado?

Serra (1995), nos diz que apesar de não haverem registros efetivos do matriarcado em nenhuma sociedade, experiências como a do Candomblé baiano deixam entrever como seria o mundo governado por mulheres. Já para mãe Stela de Oxossi (2007), Iyalorixá, a liderança feminina nos terreiros vem do fato de:

[...] as pioneiras do Candomblé eram princesas africanas que vieram para a Bahia em fins do século XVIII, criaram o princípio de que as suas casas religiosas só poderiam ser lideradas por mulheres. Uma tradição mantida até hoje nos terreiros mais antigos como: a Casa Branca, o Alaketu, o Gantois, o Afonjá e o Cobre (Mãe Stela de Oxóssi apud MARIANO, 2007, p. 38).

As grandes sacerdotisas dos Candomblés da Bahia eram princesas e não iriam, portanto, aceitar certas imposições hierárquicas que as submetessem a determinadas normas, elas viveram em um período de muita perseguição às suas tradições religiosas, ao seu povo e à sua fé, mas resistiram e não deixaram de acreditar nem de amar.

5. Feminismo com Amor

As mulheres de Axé são exemplos de fortaleza, liderança e feminilidade negra. Pois como nos diz Lorde (1983), "somos mulheres negras que nascemos numa sociedade impregnada de repugnância e desprezo de tudo que é negro e feminino".

As mulheres de axé são feministas não só a partir de uma teoria, mas de uma práxis ancestral que envolve o senso de comunidade negra e dentro de tudo isso a gente consegue algo próprio do feminismo negro, que é o apoio umas as outras, pois nosso feminismo parte da necessidade de uma emancipação comunitária, não individualmente. No axé a gente vai conseguindo emancipação tanto do ponto de vista subjetivo identitário, quanto do ponto de vista coletivo. Não é só uma mulher negra ali passando pela rua de branco: é uma mulher negra que pertence a uma comunidade de axé e que carrega um legado que não é desse tempo só, mas carrega o axé do mundo, da cidade e nesse sentido nós mulheres de axé somos feministas negras sim, pela prática cotidiana da emancipação comunitária (Ventania, Iyao de Iansã).

As mulheres de axé são feministas sim. São estrategistas, se aquilombam, criam crianças suas e das outras, se protegem, se acolhem. Também são vitimadas pelo patriarcado, mas sempre com estratégias de sobrevivência das companheiras e pelo bem viver (Kari, Abiã)

Nos resta então, resisitir e ressignificar nosso gênero e raça, se quisermos sobreviver a esse modelo e buscar a cumplicidade da irmandade umas nas outras, vivenciando a prática do amor ao nosso espelho, aprendendo e ensinando outras mulheres a se amar.

Discussão

Sabe-se que mesmo antes de chegarem ao Brasil como escravizadas, as mulheres negras já conheciam a violência da guerra entre povos africanos vizinhos, que vendiam aos traficantes portugueses os prisioneiros e prisioneiras vencidos.

No continente africano as mulheres Yorubás participavam do conselho dos ministros, tinham organizações próprias e chegaram a liderar um intenso comércio que incluía rotas internacionais próprias. Por conta dessas experiências, as mulheres negras, na Bahia do início do século XIX, conseguiram o que parecia impossível: fizeram uma nova organização religiosa que conciliava tradições de diferentes povos africanos, resistindo à miséria, à escravidão e, mais tarde, à perseguição policial (Mariano, 2007).

Através do Candomblé, com diplomacia, inteligência e fé, elas reuniram todos os elementos necessários para garantir ânimo e auto-estima ao seu povo, a partir da valorização de uma identidade afro-diásporica, sendo esse o traço comum entre negros e negras que aqui se encontraram diante da experiência de alienação provocada pela escravidão.

O Candomblé atuou e ainda atua, como um bálsamo, como espaço de promoção da

saúde da população negra, como uma terapia para o povo negro, não permitindo que muitos enlouquecessem, adoecissem ou mesmo morressem acreditando que não eram seres humanos, ou que não tinham alma.

Tais mulheres, a partir de referenciais de origem africana ressignificaram a humanidade negra na diáspora. Sem dúvida um procedimento terapêutico e de amor, extremamente eficaz diante da barbárie da escravidão e da violência religiosa a que foram e são constantemente submetidas.

Considerações finais

Nos parece perceptível que o caminho para a superação do racismo, do sexismo e de tudo que possa nos tirar a saúde e adoecer, apontado por Audre Lorde (1983), por bell hooks (1995), pelas militantes negras, pelas Iyalorixás e pelas mulheres negras de um modo geral, ainda é não desistir da luta contra toda forma de opressão e não desistir do amor, o amor cura o ódio e a dor, além de preencher essa falta histórica de afetividade promovida pela relação de desumanização colonial sobre os corpos de negros e negras.

bell hooks (2002) diz que nossa recuperação está no ato e na arte de amar, segundo ela, muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou

nenhum amor. Essa realidade é tão dolorosa que raramente fala-se abertamente sobre isso, mas o amor é o caminho para a promoção da saúde das mulheres negras, pois o amor cura e as mulheres de Candomblé sabem bem disso e talvez possam nos ensinar.

Referências Bibliográficas

BAIRROS, L. Nossos Feminismos Revisitados. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS, Ano 3, 2o semestre, 1995.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**, 2a edição. Brasília - DF. 2013.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A situação da Mulher Negra na América LATina a partir de uma Perspectiva de Gênero. disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> 2011.

_____. Mulheres em Movimento. In: **Estudos Avançados**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18400.pdf . 2003, p.119-120.

COLLINS Patricia H. Black Feminist Thought Knowledge Consciousness and Political Empowerment Nova Iorque NY Routledge, 1991.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. University of California - Los Angeles. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS. 01, 2002.

DAVIS, Angela, 1944. **Mulheres, Cultura e Política**. Tradução Heci Regina Candiani. 1 ed - São Paulo : Boitempo, 2017.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p. 33.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (org.) In: **O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GROSFUGUEL, Ramon. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

hooks, bell. Intelectuais Negras. In: **Revista Estudos Feministas**. Rio de Janeiro, IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v. 3, n. 2, 1995. p. 464-469.

_____. Vivendo de Amor. In:

WERNECK, Jurema (org.). **O livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas/Criola, 2 ed., 2002.

LORDE, A. Olhos, nos Olhos: Mulheres Negras Ódio e Fúria. In: **Sister Outsider**. CA.1983, p.145-175.

MARIANO, A. **Mães de Santo**. Publicado em SOTEROPOLITANOS: cultura Afro. 2007. Disponível em; <http://soteropolitanosculturaafro.wordpress.com/2007/11/08/maes-de-santo/>

SERRA, Ordep. **Águas do Rei**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.